TOTA REGINALDO
e SEUS CAUSOS DA VIDA REAL

ANTÔNIO SÉRGIO CARRÉRA

TOTA REGINALDO
e SEUS CAUSOS DA VIDA REAL

Copyright © 2020 by **Antônio Sérgio Carréra**
Todos os direitos reservados. Vedada a produção, distribuição, comercialização ou cessão sem autorização do autor. Os direitos desta obra não foram cedidos.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Capa e Diagramação
Antônio Sérgio Carréra

Revisão
Sérgio Carrera Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica

Carréra, Antônio Sérgio
C314t Tota Reginaldo – e seus causos da vida real / Antônio Sérgio Carréra 1ª Ed. Camaçari/BA. Inoveprimer 2020.

212 p.

ISBN: 978-65-87229-13-3

1. Literatura. 2. Recife. 3. Moçambique. 4. Brasília. 5. Biografia. 6. Causo I. Título.

92 CDU (1999)
Fabiana Belo - CRB-4/1463

-

Rafael Alves Cavalcanti

Olindina Rodrigues Monteiro Cavalcanti

Evandro Joaquim Saraiva Alves

e Luizinho

In Memoriam

SUMÁRIO

Introdução, 9
1. O desafio do portão, 11
2. Metida às pregas, 23
3. Aventura submarina, 36
4. Águas profundas, 47
5. Afogamento no Pará, 63
6. Tensão em New York, 73
7. O mocorongo, 91
8. Avance a senha, 99
9. Confronto no beco, 109
10. Pânico a bordo, 118
11. Nelson Mandela, 123
12. Por um triz, 129
13. Roda Presa, 137
14. Granadas sem pinos, 145
15. Mão de vaca, 161
16. De calças curtas, 176
17. FBI e o presidente, 182
18. Medo de avião, 190
19. Pista curta, 203

INTRODUÇÃO

“Tota Reginaldo e seus causos da vida real" não é um livro de conselhos, dicas ou regras para se viver melhor. Todos os textos giram em torno do personagem, que é um sujeito da vida real e que viveu os mesmos tipos de problemas das outras pessoas. Os "causos" de sua vida vão levar ao leitor uma visão multifacetada da formação do ser humano como pessoa, experimentando situações que vão do cômico ao triste, passando por causos engraçados, alegres, perigosos, de pavor, medo e tensão. Tota Reginaldo vai te mostrar como uma pessoa pode ir da extrema coragem ao medo num simples virar de página. A proposta do autor é mostrar como se acumula experiência de vida para tornar o homem mais sábio.

o desafio do portão 1

Quando Tota Reginaldo era muito jovem, por volta dos 13 anos de idade, lá em Recife, a moda era ir para as noitadas dos clubes da cidade para paquerar e dançar ao som das melhores bandas e dos ritmos mais frenéticos daqueles tempos. Era início dos anos 1970 e os shows noturnos dos principais clubes eram destino certo para adultos e jovens que gostavam de diversão acalorada, todos os finais de semana. O Clube Náutico Capibaribe era o meu preferido, por vários motivos. O primeiro era que meu pai era torcedor "fanático" do time de futebol, assim, eu não lhe faltava o respeito indo para a Sede de outros clubes, como o Sport ou quem sabe, para o Santa Cruz. Mas o mais tradicional mesmo era o *chique* Clube Internacional do

Recife, node a "nata" da cidade frequentava. Eu não ligava para isso, gostava mesmo era da "coisa" mais bagunçada e alegre, sem muitos protocolos de etiqueta a seguir. O segundo motivo para frequentar o Náutico era porque ficava mais perto da sua casa, e ainda porque eu já frequentava seu parque aquático. Além disso, era onde o pessoal achava as bebidas mais baratas e o seu sanduiche predileto: pão francês com carne moída ao molho de tomate e salada verde picadinha, o que depois eu encharcava com mostarda e era vendido pelas dezenas de ambulantes que se aglomeravam na frente do clube todos os finais de semana.

— *Tota, você tenha cuidado, menino! Vê se não se mete em confusão! Volte cedo pra casa!* — era a cantilena da sua mãe todas as vezes que ele se aprontava para a noitada. De certa forma, compreensível, pois tinha apenas 13 anos de idade e a inocência ainda pairava sobre sua cabeça.

— *Deixa o menino se divertir!* — retrucava seu pai.

Naquela época, os encontros de jovens em festas noturnas em clubes e boates se proliferavam pelo Recife.

As matinês ficaram mais afetas às crianças e os clubes, juntamente com a famosa boate "Xixi Girl" [1] que dominavam o setor.

Tota era o apelido que veio atrelado ao nome completo do seu avô paterno, o qual nunca cheguei a conhecer, tampouco seu pai, que tinha apenas três anos de idade quando ele faleceu. Mas as histórias que sua avó lhe contava — do avô ter sido um homem inteligente, esguio e bonito, deixavam Tota orgulhoso de pronunciar seu nome, ainda mais quando diziam que ele se parecia com o avô.

Naquela noite, Tota vestiu sua melhor roupa, passou "Trim" nos cabelos — o fixador de cabelos mais cheiroso da época — um pouco da Lavanda Atkinson e se mandou com Luizinho, seu melhor amigo, para o Náutico.

Os jovens daquela época eram fanáticos por dança — "dançar solto", como costumavam dizer, com um "agarradinho" nas músicas lentas.

[1] Boate localizada no Bairro de Piedade, vizinho a de Boa Viagem.

Luizinho já o esperava no terminal de ônibus elétrico de Casa Amarela, em frente ao Cine Rivoli.

— *E aí, vamos pular hoje?* — perguntei a Luizinho.

— *Claro. Hoje eu estou só com a grana da passagem e do cachorro quente.*

— *Tudo certo. Vamos fazer como sempre: eu pulo primeiro e tu vigias.*

"Pular" significava entrar sem pagar, pulando o muro do clube. O prazer era a aventura, o desafio aos seguranças e aos concorrentes na disputa.

Combinados, chegaram ao Náutico perto das 22h e o som já rolava solto., o que os atraía como um imã, ao ponto de já descerem do ônibus correndo até onde se encontrava a multidão, na fila para comprar os ingressos ou para comer o delicioso Hot Dog do Zé Pequeno, peculiar daquela época. A bem da verdade, de Hot Dog não tinha nada: era o famoso pão francês com carne moída e muito molho de tomate, com espaço ainda para uma salada verde picada. Sem dúvidas, era uma delícia.

Havia dezenas de ambulantes na frente do clube, invadindo a via do tráfego, mas Zé Pequeno sempre

chegava cedo para estacionar seu carrinho próximo ao portão principal, possibilitando tanto a venda para quem estava do lado de fora quanto para quem já havia entrado.

— *Vamos comer logo?* — Perguntou Luizinho — *Depois vai ficar difícil, porque se a gente vai pular, não poderemos sair, pois não teremos o ingresso para apresentar no retorno.* — Concluí.

Havia uma disputa para quem conseguia driblar os seguranças e entrar sem pagar nos eventos noturnos do clube. Na verdade, a turma já sabia quem iria tentar, dos garotos do bairro que se encontravam ao redor dos vendedores ambulantes. João era o mais atrevido, já havia entrado várias vezes sem pagar e olhava com o rabo do olho para Tota. Ele se achava o "Rei da cocada preta", ou seja, o número 1. Apesar de não aceitar muito, Tota tinha que reconhecer que o cara era ágil. Uma vez o viu pular por cima das lanças como um felino, quase numa tacada só. Mas Tota também tinha meus méritos.

— *Olha o João olhando pra mim. Não sabe nem disfarçar.* — disse para Luizinho. — *Acho hoje ninguém vai tentar. Olha a segurança como está dobrada.* — continuou,

analisando o perímetro e constatando o número de segurança empregados naquele evento, sem tirar o delicioso "hot dog" da boca, ouvindo *Honky Tonk Woman* dos "Rollings Stones", que era tocada pela banda local com muita animação.

A possibilidade de João e seus amigos resolverem se arriscar a pular e serem flagrados, acabaria por definitivo as chances de Tota, assim, ele tinha que tomar a dianteira e tentar, antes que João resolvesse ser mais ousado.

— *Calma rapaz! Tu não estás vendo que não vai dar certo. Hoje é impossível* — disse Luizinho.

— *Não posso perder essa banda. Ouve o que elas tocam. Nunca vi igual. Sou fã dos Stones.*

— *Olha quantos seguranças eles colocaram ao longo das muretas.* — Continuou Luizinho, reforçando as lanças enterradas nos muros, justamente para impedir infiltrações de pessoas não autorizadas.

Tudo indicava um desastre para quem tentasse naquela noite e ainda havia o pior: quem fosse pego, levaria uns trompaços e seria literalmente jogado na rua,

se não fosse entregue a uma guarnição de RP (Radiopatrulha).

Tota olhou para todos os cantos e percebeu que em um determinado ponto, o segurança estava voltado para a área interna do complexo.

O volume de pessoas aumentava e se imprensava nas barras próximo ao grande portão, pedindo para entrar. Tota buscou a cara de João entre o povo e logo a achou — olhando para ele com uma expressão de riso no rosto, como se dissesse: *vai, tu não és o tal? Quero ver se tu és homem mesmo? Esse "frango"*[2] *vai ver!* — disse Tota para si mesmo.

Apesar dos incansáveis conselhos de Luizinho para que ele desistisse, Tota foi se aproximando do ponto ideal para pular. Havia de ser rápido. Imaginava, se conseguisse o feito, ser reconhecido pela "turma" e respeitado pela ousadia.

Olhou, demoradamente, para aquelas lanças de metal prateado brilhando na noite de lua cheia

[2] Termo muito utilizado na década de 1970 entre jovens, que tinha o mesmo significado de "bicho", "cara" para se referir a outra pessoa

esplendorosa. Elas chegavam a piscar entre um movimento ou outro que ele fazia com os olhos. Tota sabia que eram afiadas e um deslize seria uma catástrofe, mas ele não poderia fugir ao desafio feito entre os olhares que trocou com João que, praticamente, o desafiou a pular, se Tota fosse macho mesmo. *Ah! Isso sim, ele ia ver se eu não sou macho!* — disse Tota, confiante.

— *É agora ou nunca!* — Disse respirando fundo e agarrando-se à duas barras, usando o muro como apoio ao pé para a impulsão.

Os caras ao redor de Tota olhavam para ele admirados com sua coragem. Como eram experientes no assunto e pelas expressões de espanto, achavam ser uma ação suicida.

Com o esforço que Tota já conhecia de tentativas anteriores e a força que tinha nos braços, logo estava passando uma das pernas por cima nas pontas das lanças. Com o coração quase saindo pela boca pelo medo de ser flagrado e pelo cansaço físico que ele gerava, repousou suas nádegas entre uma ponta e outra das lanças, olhou

ao redor e nenhum segurança estava "ligado" no que acontecia.

A confiança fez com que ele cometesse o maior erro de todos: resolveu procurar na multidão o rosto de João para gozar da "cara" dele, agora com um sorriso e acenando com um "tchauzinho" com a mão. Enquanto o procurava, Tota esqueceu os seguranças. Em fração de segundos achou João, que aparecia aos seus olhos com uma expressão de espanto, não acreditando no que ele acabava de fazer.

— *Seu otário, pensou que era o "bam, bam, bam", era?* — Imaginou até gritar, ao mesmo tempo em que levava até ele seu sorriso de deboche, que era o que mais incomodava o concorrente.

— *Ei, você aí!* — Gritou um segurança, já correndo em sua direção, quando só ali Tota "acordou" para o perigo.

Sem tempo para raciocinar, com o coração quase saindo pela boca, Tota decidiu pular para dentro do clube, quando o normal seria desistir. Afinal, não teria cara para enfrentar todos os que assistiam sua ousadia e vê-lo

retroceder sem concretizar o ato. Ao tentar passar a perna esquerda por cima das lanças, e em razão das calças apertadas e o gigante "cavalo de aço"[3], seu pé ficou momentaneamente preso entre as barras e no esforço para soltá-lo antes que o segurança fizesse contato, foi forçado a se jogar, literalmente, para dentro. A sorte começou a mudar, terminando por ficar engalhado pelas calças com a ponta da lança enfiada uma pouco abaixo da braguilha.

Deus, certamente, colocou a mão sobre sua cabeça naquele momento, pois, por milímetros, não teve seu "documento" masculino perfurado, tendo ele ainda sentido a frieza de o metal tocar, levemente, seus órgãos.

Tremendo muito, tanto pelas bordoadas que iria levar do segurança quanto pela grande possibilidade de ser perfurado, ainda por cima ouvindo gargalhadas e gritos da multidão, resolveu tomar uma atitude drástica e imediata: tomou como pôde impulso para trás e se

[3] Modelo de sapato da época, com solado de borracha de 2 a 4 centímetros de altura.

projetou novamente para a frente, mesmo com o risco de quebrar alguns ossos na queda.

Seria cômico se não fosse trágico. Com o seu peso, desprendeu-se lentamente da lança, rasgando totalmente o fundo da calça. Como sua mãe sempre dizia: "lascado? lascado e meio!", e para não passar mais vergonha do que já havia passado, resolveu sair por cima da situação para amenizar o vexame, ao cair e sentir só a pancada. Viu, ainda deitado, as pernas do segurança correndo em sua direção. Levantando–se rapidamente, correu em direção ao Parque Aquático — que ele bem conhecia, por ser frequentador assíduo das piscinas — e lá se escondeu nas arquibancadas.

Atento ao segurança, viu quando ele passou procurando por todos os buracos que encontrava pela frente. Assim que tomou um rumo fora do seu alcance, Tota saiu correndo em direção ao salão de dança, onde a luz negra o protegeria, pois o reflexo na roupa mudaria seu visual.

— Mas vou como ficar a noite toda com o fundo parecendo uma saia?